

UMA INVESTIGAÇÃO DAS EXPLICAÇÕES ANALÍTICO-COMPORTAMENTAIS DA AUTOESTIMA NA LITERATURA NACIONAL

Heloisa de Lucca Carnicelli (PIC/ UEM), Carlos Eduardo Lopes (Orientador). E-mail:
celopes@uem.br

Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Maringá, PR.

Psicologia, Fundamentos e Medidas da Psicologia

Palavras-chave: Autoestima; Análise do Comportamento; Seleção pelas consequências.

RESUMO

Para a Análise do Comportamento, fenômenos psicológicos devem ser explicados pelos três níveis de seleção: filogenético, ontogenético e cultural. Partindo dessa tese, esta pesquisa de natureza bibliográfica teve como objetivo sistematizar as explicações sobre autoestima na literatura analítico-comportamental nacional, a fim de investigar se essa multidimensionalidade tem sido contemplada no caso desse fenômeno. Para tanto, foram realizadas buscas da palavra-chave 'autoestima' com descritores relacionados à Análise do Comportamento no Portal de Periódicos da CAPES, no Google Scholar, nas páginas de revistas de Análise do Comportamento, e nas coleções Sobre Comportamento e Cognição e Comportamento em Foco. Doze textos foram lidos na íntegra e os dados obtidos registrados em uma tabela com: definição de autoestima; recorte de grupo; argumentos apresentados; variáveis culturais mencionadas na discussão; e níveis de seleção contemplados na explicação. Os resultados mostram a adoção de diferentes definições de autoestima nos textos analisados: ora definida como sentimento, ora como padrão comportamental. Além disso, há diferenças nos argumentos dos(as) autores(as) sobre as contingências que seriam favoráveis e desfavoráveis à autoestima. No material analisado, houve também um predomínio de variáveis ontogenéticas (em detrimento de culturais) na explicação da autoestima. Como conclusão, destaca-se a necessidade de uma ampliação das análises funcionais da autoestima, de modo a incluir variáveis culturais, sobretudo nos casos em que a pessoa pertence a grupos historicamente oprimidos no Brasil.

INTRODUÇÃO

'Seleção pelas consequências' é um modelo causal probabilístico, que explica a origem, evolução e manutenção do comportamento humano como produto de três histórias de variação e seleção: a) filogenética; b) ontogenética e c) cultural (SKINNER, 2007). Assim, o comportamento humano passa a ser tomado como fe-

nômeno que só poderia ser explicado, em toda sua complexa interação com o ambiente, quando for devidamente contextualizado na cultura ou ambiente social.

Contrariando essa conclusão, Holland (1983) chamou a atenção para uma tendência de analistas do comportamento reduzirem suas análises a variáveis ontogenéticas, delineando propostas de intervenção com foco estrito no indivíduo, e ignorando, portanto, o papel do ambiente social na manutenção do comportamento. Um fenômeno que parece fecundo para essa prática “reducionista” de explicação e tratamento é o da autoestima, geralmente, pensada como algo que pertence e está em cada um. Considerando essa possibilidade, esta pesquisa buscou investigar como a literatura analítico-comportamental tem discutido a autoestima.

MATERIAIS E MÉTODOS

As fontes desta Revisão de Literatura foram artigos publicados em periódicos e capítulos das coleções Sobre Comportamento e Cognição e Comportamento em foco. Os artigos foram buscados pelo Portal de Periódicos CAPES, Google Scholar e nas revistas: REBAC, RBTCC, PAC e ACTA. Foram feitas combinações entre o tema e termos relacionados a Análise do Comportamento. As publicações logradas foram lidas e sistematizadas por meio de uma tabela que continha: (i) referência dos textos; (ii) anotação dos trechos que apresentam a definição de autoestima e comentários relacionados; (iii) descrição do recorte de grupo ou cultura que é colocado na discussão; (iv) listagem das principais concepções, conceitos e argumentos utilizados para explicar comportamentos de autoestima; (v) com base no ponto anterior, análise de quais variáveis foram consideradas na discussão da autoestima e com que frequência a relação com o nível apareceu no texto.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Doze publicações foram selecionadas para a análise: seis artigos e seis capítulos. Em relação às definições de autoestima: cinco dos doze textos identificaram a autoestima como um sentimento; três como sentimento e/ou comportamento; dois como um padrão comportamental; e dois não apresentaram definição. A definição de autoestima como sentimento, que predominou entre os trabalhos analisados, pode ser uma definição imprecisa e com armadilhas mentalistas. Para a Análise do Comportamento há uma diferença entre: a) sentimentos, entendidos como alterações corporais ocorridas em certas contingências, e b) comportamentos, entendidos como ações que o sujeito opera na relação com o ambiente. Essas duas coisas podem acontecer ao mesmo tempo, ou seja, o organismo age e, enquanto isso, ele pode sentir mudanças em seu corpo. Por conta disso, é fácil tomar, equivocadamente, o sentimento como causa do comportamento.

Dois textos examinados definiram a autoestima como um padrão comportamental, o que permite analisar a autoestima em termos de repertórios de comportamentos. Isso não significa que a autoestima não envolva sentimentos, mas que eles também devem ser analisados *na relação comportamental*.

Em relação aos níveis de seleção, nove textos reduziram as explicações da autoestima ao nível ontogenético, salientando que a construção da autoestima se dá, principalmente, na infância. Portanto, as condições favoráveis já deveriam vigorar na vida do sujeito desde cedo. Em linhas gerais, as condições enfatizadas são o ambiente familiar, escolar e terapêutico. Assim, esses textos colocam que os agentes que participam da história particular do sujeito (os pais, professores e terapeutas) seriam responsáveis pelo “sucesso” ou “fracasso” da autoestima.

Silva e Marinho (2003) apontam as condutas necessárias aos pais como agentes do desenvolvimento da autoestima do filho: “Se os pais acolhem o filho, protegem-no, alimentam-no e corrigem seus comportamentos indesejáveis, vão fazer com que esse filho se observe positivamente” (p. 230). Outro exemplo é do papel do terapeuta: “no contexto terapeuta-cliente, os *reforços verbais* de elogio à aparência e vestimenta da cliente, assim como à legibilidade de sua letra, foram promovidos com a finalidade de contribuir para o aumento da autoestima da cliente” (Fonseca; Pacheco, 2010, p.12). No contexto educacional, Gomes et al. (2010b) desenvolveram um estudo das contingências que favorecem a autoestima em sala de aula “em uma entidade educacional, de vinculação religiosa, sem fins lucrativos e que tem como objetivo desenvolver programas com a juventude empobrecida” (p. 239) Mesmo citando essas características do grupo analisado, em nenhum momento a autora as relaciona com o desenvolvimento da autoestima do aluno.

Em todos esses exemplos questões culturais como: “Será que o empobrecimento interfere na maneira como a criança se vê e nas condições para que ela desenvolva esse repertório?”; “Quem são os pais e quem tem acesso à terapia?”; “Os professores possuem formação adequada/continuada para poder trabalhar com a autoestima dos alunos?”, não foram consideradas. Parece difícil pensar na construção individual da autoestima de forma puramente ontogenética de alguém que possui marcadores sociais que são culturalmente desvalorizados, como: indivíduos com sobrepeso, pessoas com deficiência (PCDs), população LGBTQIAPN +, pessoas de baixa renda, mulheres, idosos, pessoas negras etc.

Guazi e Laurenti (2015) discutem que para haver melhora da baixa autoestima de professores universitários, seria necessário desenvolver relações mais saudáveis com a atividade acadêmica, traçando caminhos alternativos a uma prática docente permeada por consequências aversivas imediatas ou em longo prazo. Nessa argumentação, as variáveis que produziram problemas de autoestima e a proposta de uma melhora estão ligadas a fatores sócio-culturais. Sendo assim, a responsabilidade pela construção da autoestima não é colocada apenas sob um agente, mas envolve marcadores sociais e práticas culturais que, muitas vezes, não favorecem a autoestima de determinados grupos. Considerações deste nível, só aparecem em três dos doze textos analisados.

CONCLUSÕES

Os resultados desta pesquisa indicam a ausência de um consenso sobre a definição de autoestima na literatura consultada, o que pode favorecer confusões e equívocos

sobre o tema. Além disso, foi possível constar que a explicação da autoestima apresentada na maioria dos textos não considerou adequadamente o papel de variáveis culturais relevantes, envolvendo marcadores sociais que afetam o desenvolvimento da autoestima de membros de grupos marginalizados em nossa sociedade. Com isso, reafirma-se a necessidade de uma ampliação de análises funcionais da autoestima em estudos de Análise do Comportamento, de modo a contemplar a multidimensionalidade dos níveis de seleção pelas consequências, sobretudo em relação a variáveis socioculturais.

REFERÊNCIAS

FONSECA, R. P.; PACHECO, J. T. B. Análise funcional do comportamento na avaliação e terapia com crianças. **Revista brasileira de terapia comportamental e cognitiva**, São Paulo, v.12, n. 1-2, p. 1-19, jun. 2010.

GUAZI, T. S.; LAURENTI, C. **Algumas Contingências da Produção Acadêmica Universitária: um Estudo Preliminar**. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 35, n. 1, p. 139-153, 2015.

GOMES, R. et al. Um estudo observacional sobre a ocorrência de contingências favoráveis ao desenvolvimento da autoestima em salas de aula. In: HUBNER, M et al. **Sobre Comportamento e Cognição: Avanços recentes das aplicações comportamentais e cognitivas**, vol. 26, p. 238- 246, 2010b.

HOLLAND, J. G; Comportamentalismo: parte do problema ou parte da solução? **Psicologia**, 1983, v. 9, n. 1, p. 59-75.

SILVA, A. I. da; MARINHO, G. I. **Auto-estima e relações afetivas**. Uniceub Ciências da Saúde, vol. 01. n.02- p.229-237, 2003.

SKINNER, B. F; Seleção por conseqüências. **Revista brasileira de terapia comportamental e cognitiva**, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 129-137, jun. 2007.
Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151755452007000100010&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 31 jan. 2023.